

# MUDANÇAS INSTITUCIONAIS E AS REVOLUÇÕES DO MAIS, DA MOBILIDADE E DA MENTALIDADE

## INSTITUTIONAL CHANGES AND THE REVOLUTIONS OF THE MOST, MOBILITY AND MENTALITY

**Thami Covatti Piaia<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O presente trabalho tem como escopo principal, conceituar e analisar as mudanças institucionais ocorridas no mundo ao longo dos anos, em decorrência de duas Revoluções Econômicas, assim como criar uma correlação entre Mudanças Institucionais e as Revoluções do Mais, da Mobilidade e da Mentalidade. Ao se transformarem, as instituições criaram um ambiente de mudanças, de renovação. A humanidade já não é mais a mesma. A população aumentou significativamente, ocasionando com isso, maior mobilidade entre as pessoas, fazendo com que esses acontecimentos gerassem uma revolução na mentalidade das pessoas. Há mais pessoas, transitando de um lado para outro deste planeta, percebendo como a realidade pode mudar, e mudar para melhor. As instituições mudam, e com elas, muda todo um contexto.

**Palavras-chave:** mudanças institucionais e revoluções do mais – da mobilidade – e da mentalidade

**ABSTRACT:** This work has as main scope, conceptualize and analyze institutional changes occurred in the world over the years, due to two Economic Revolutions, as well as create a correlation between Institutional Changes and the Revolutions of More, Mobility and Mentality. When turned, the institutions created an environment of change, of renewal. Humanity is no longer the same. The population increased significantly, thereby causing greater mobility between people, causing these events generate a revolution in people's minds. There are more people, moving from side to side of this planet, realizing how reality can change, and change for the better. Institutions change, and with them, a whole context changes.

**Keywords:** institutional change and the revolutions of the most – mobility – and mentality

---

<sup>1</sup> Doutora em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Visiting Scholar na Universidade de Illinois, campus de Urbana-Champaign. Professora no Mestrado em Direito na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – campus de Santo Ângelo/RS.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As indiscutíveis mudanças institucionais ocorridas ao longo do tempo e as transformações decorrentes desse fenômeno, foram detalhas neste trabalho.

Em um primeiro momento, conceituamos e discorremos sobre instituições e mudanças institucionais. Quais são as causas e consequências de uma mudança institucional?

Logo em seguida, analisamos o fator *path dependence* e sua influência tanto nas mudanças institucionais como nas tecnológicas. Assim como nas instituições, a tecnologia também exhibe características de *path dependence*. Douglass North, muito apropriadamente, fez esta analogia.

Posteriormente, fizemos uma comparação para entender o porquê de em alguns países, normalmente os mais desenvolvidos, as mudanças institucionais acontecerem mais facilmente que em outros, os menos desenvolvidos. Como podemos compreender o papel das instituições e da mudança institucional no desenvolvimento econômico e social dos países?

Por fim, trouxemos ao trabalho, as Revoluções do Mais, da Mobilidade e da Mentalidade. As três revoluções são interdependentes, e todas são consequência de alguma mudança institucional. Primeiramente as instituições mudaram, evoluíram, para depois as revoluções terem um ambiente institucional propício para acontecerem.

O trabalho tem conteúdo interdisciplinar, tendo sido embasado, na primeira parte, em estudos da Análise Econômica do Direito, tendo como principal referencial teórico, Douglass North, economista laureado com o Prêmio Nobel em 1993. North é institucionalista, pertencendo à Nova Economia Institucional (NEI). Na segunda parte, analisamos e comentamos o livro de Moises Naím, O Fim do Poder: nas salas da diretoria ou nos campos de batalha, em igrejas ou estados, por que estar no poder não é mais o que costumava ser?

## 1 MUDANÇA INSTITUCIONAL

A mudança institucional, resultado de duas Revoluções Econômicas,<sup>2</sup> na compreensão de Douglass North (1981, p. 171), consistiu em uma alteração no bem-estar

---

<sup>2</sup> A Primeira Revolução Econômica criou a agricultura e a civilização; a Segunda criou uma curva de oferta elástica de novos conhecimentos, que construiu o crescimento econômico do sistema. Ambas implicaram uma

material e físico dos humanos, amplamente concebida para incluir alterações que pudessem ser quantificadas não apenas nos dados de renda nacional e pessoal, nas medidas físicas do bem-estar humano, mas também nos aspectos menos precisamente medidos, mas importantes do bem-estar humano, incorporados na atividade econômica e na vida social.

A mudança tecnológica e institucional foram e são os principais fatores para a evolução social e econômica da humanidade. Ambas exibem as características de *path dependence*. (ARTHUR & DAVID, 2007, p. 91).<sup>3</sup> A ideia de *path dependence* na mudança tecnológica foi elaborada inicialmente com relação à presença de rendimentos crescentes a partir da escolha de um dado padrão tecnológico. Esses rendimentos crescentes acabam por levar a uma situação de *lock in*, isto é, uma situação em que um dado padrão tecnológico se generaliza e consolida, e a mudança de padrão tecnológico se torna extremamente difícil. Por consequência, isso leva ao fenômeno de *path dependence*, ou seja, o fato de as possibilidades de escolha no presente serem estritamente condicionadas pelas escolhas passadas. Ou seja, a situação de hoje forma as instituições de amanhã. (VEBLEN, 1989, p. 3901).

Esta analogia entre inovações institucionais e inovações tecnológicas cria apenas a presunção de que a mudança institucional fizera uma contribuição positiva para o crescimento econômico. Essa presunção consiste em que no curso do tempo, pessoas descobriram e adotaram arranjos institucionais que os permitiram cooperar uns com os outros de maneira mais eficiente do que antes. (MATTHEWS, 1986, p. 908).

De acordo com Douglass North, também em relação às instituições, se verificam processos de *path dependence*. Para entender o conceito de *path dependence* no estudo das instituições, é preciso considerar as causas de *path dependence* em tecnologias, isto é, o que termina por gerar também uma situação de *lock in*, tal qual na tecnologia. Essas causas seriam: custos fixos significativos, provocando uma redução expressiva dos custos à medida que a produção aumenta, efeitos de aprendizagem, efeitos de coordenação, derivados da cooperação entre agentes que enfrentam o mesmo tipo de situação, e expectativas adaptativas. (NORTH, 1990, p. 94).

Nesse sentido, instituição é definida como sendo resultado de uma situação presente, que molda o futuro, através de um processo seletivo e coercitivo, orientado pela forma como os homens veem as coisas, o que altera ou fortalece seus pontos de vista. (HODGSON, 1993, apud CONCEIÇÃO, 2007, p. 637). O ambiente institucional é necessariamente mutável,

---

reorganização institucional substancial. A crise de organização do mundo moderno pode apenas ser compreendida como uma parte da Segunda Revolução Econômica.

<sup>3</sup> Termo usado para descrever a poderosa influência do passado sobre o presente e o futuro. A ideia de *path dependence* foi desenvolvida inicialmente pelos trabalhos de Paul David e Brian Arthur.

condicionado cultural e historicamente e sujeito permanentemente a mudanças e rearranjos. (CONCEIÇÃO, 2007, p. 638).

A diferença básica entre instituições formais e informais é que as primeiras são produtos de processo de escolha deliberada dos atores. Esse processo de escolha pode ser de vários tipos, mas é sempre possível reconhecê-lo quando se trata de mudança institucional formal. No caso da instituição informal, é, em geral, difícil identificar seu surgimento, porque são difusas, são encontradas no dia a dia do comportamento social dos indivíduos e a ele incorporadas por meio de processo muitas vezes não percebido. (SZTAJN ; AGUIRRE, 2005, p. 237).

Sobre o processo de mudança institucional, a professora Rachel Sztajn, com muita propriedade, ressalta que:

O formal é mais fácil de ser analisado do que o informal. Os atores são reconhecíveis, a arena é delimitada, as regras de decisão preestabelecidas, enquanto na mudança informal não é fácil identificar quais são os atores, quais as regras de decisão e quais as alternativas disponíveis. A gênese de cada um dos tipos de instituições explica por que as informais são mais resistentes a mudanças do que as formais. Um processo de mudança institucional formal pode ser desencadeado deliberadamente através de fóruns competentes. A mudança institucional não dispõe de arenas específicas. (SZTAJN; AGUIRRE, 2005, p. 237).

As instituições mudam e, mesmo através de mudanças graduais, podem pressionar o sistema por meio de explosões, conflitos e crises, levando a mudanças de atitudes e ações. Em qualquer sistema social há uma permanente tensão entre ruptura e regularidade, exigindo constante reavaliação de comportamentos rotinizados e decisões voláteis de outros agentes. Mesmo podendo persistir por longos períodos, está igualmente sujeita a súbitas rupturas e consequentes mudanças nos hábitos de pensar e ações, que são cumulativamente reforçados (*reinforcement*). (CONCEIÇÃO, 2007, p. 623).

Portanto, a estrutura qualitativa presente do sistema está ligada às suas evoluções passadas. Caso, diante das bifurcações encontradas, as escolhas tivessem sido diferentes, a estrutura qualitativa presente poderia ser radicalmente distinta. De maneira semelhante, pode-se dizer que o estado futuro do sistema dependerá das trajetórias escolhidas no presente. Logo, estamos falando de uma análise que considera *path dependence* e o fato de haver uma sensibilidade às condições iniciais. (MOREIRA; HERSCOVICI, 2006, p. 559).

O avanço dramático das nações industrializadas e o enorme progresso daí decorrente são reconhecidamente atribuídos ao desenvolvimento das novas tecnologias, mas é inegável

que as estruturas institucionais tornaram-se capazes de operar de maneira economicamente eficaz. (CONCEIÇÃO, 2007, p. 637).

As principais tecnologias e instituições de diferentes eras geralmente exigem diferentes conjuntos de instituições de apoio. Os países desenvolvidos são aqueles que possuem a base dessas instituições prontas quando elas são necessárias, ou que consigam criar rapidamente e bem as novas instituições adequadas. Portanto, parece que se pode compreender o papel das instituições e da mudança institucional no crescimento econômico apenas se chegar a observar como essas variáveis estão conectadas à mudança tecnológica. (NELSON, 2008, p. 01). Dada à importância que assumem as inovações institucionais cabe tentar se estabelecer em que proporção o crescimento econômico é devido à mudança institucional ou às inovações tecnológicas, acumulação de capital e outras fontes de crescimento. (CONCEIÇÃO, 2003, p. 09).

No entendimento de Richard Nelson (2008, p. 06), as instituições entram nessa compreensão em duas maneiras. Primeiro como precondições de base que permitem que os desenvolvimentos surjam em primeiro lugar e tomem a forma que elas criaram. Aqui, as instituições relevantes tendem a estarem associadas com condições de vasto contexto de economia ampla, como um sistema legal que define e reforça contratos, um sistema financeiro capaz de financiar novos empreendimentos, mercados de trabalho flexíveis e um forte sistema de pesquisa universitária. Em segundo lugar, como os estudos de caso mostram, a dinâmica de desenvolvimento frequentemente exige que instituições antigas mudem ou que novas instituições surjam. Quando se leva em conta os contextos histórico, cultural, econômico e político como ferramentas para teorização da ciência econômica, as instituições aparecem como ferramentas fundamentais e imprescindíveis.

Os economistas que estudam o crescimento econômico estão de acordo que a inovação tecnológica é a principal força motriz. Contudo, a tecnologia sobre a qual foi dada atenção quase sempre foi a tecnologia física. O crescimento econômico direcionado por inovação, no entanto, precisa ser compreendido conforme envolve a coevolução de tecnologias físicas e sociais e que a dinâmica da alteração institucional deve ser observada sob este prisma. As tecnologias físicas e sociais andam juntas no processo de mudança institucional e desenvolvimento. Portanto, a capacidade de criar instituições que funcionem conforme planejado é muito mais limitada do que a capacidade de criar novas tecnologias físicas. (NELSON, 2008, p. 04).

A noção de tecnologias sociais e instituições que as reforçam parece ampla o suficiente para abranger a maioria dos tipos de coisas tratadas como instituições na literatura a

respeito de inovações e seus sistemas. As instituições possuem um padrão de estabilidade. Mas o crescimento econômico, conforme o conhecemos presenciou o desaparecimento de tecnologias sociais antigas, algumas vezes lentamente, algumas vezes abruptamente e a substituiu por outras.

O conhecimento e a tecnologia estabeleceram os limites superiores ao bem-estar humano, mas eles mesmos não determinam quão bem sucedidos os seres humanos estão dentro daqueles limites. É a estrutura da organização política e econômica que determina o desempenho de uma economia, bem como a taxa incremental de crescimento no conhecimento e na tecnologia. (NORTH, 1981, p. 09). Sob essas condições, as novas instituições necessárias podem se interessar em agir dessa maneira de forma relativamente rápida. (NELSON, op. cit., p. 09).

A sociologia do conhecimento está relacionada em como o conhecimento é adquirido. Em seu nível mais elementar, é pré-teórico no sentido de que o comportamento diário dos indivíduos é guiado por um conjunto de hábitos, máximas, códigos de comportamento, que são adquiridos inicialmente da família, socialização primária e, então, através do processo educacional e outras instituições, como a igreja, socialização secundária. (NORTH, 1981, p. 48). Mas enquanto pensamos em nossas vidas diárias como guiadas pelo conhecimento de senso comum, esse conhecimento está em base teórica; e as ideologias são esforços intelectuais para racionalizar o padrão comportamental dos indivíduos e dos grupos. Os fatos não explicam o mundo ao nosso redor; a explicação exige teoria, não necessariamente explícita e consciente, mas, todavia, teoria. (NORTH, 1981, p. 48).

O processo de melhoria da tecnologia depende não apenas das melhorias diárias em uma nova técnica, mas também do desenvolvimento das habilidades humanas usando a nova técnica, inseridos em um contexto bem mais amplo. (NORTH, 1981, p. 48).

O crescimento do conhecimento é a determinante subjacente fundamental do limite superior do bem-estar humano. Se isso foi o aspecto fundamental, nossa história seria um aspecto relativamente simples; mas é a interação complexa entre o conhecimento e as instituições que molda o processo da mudança econômica. (NORTH, 2005, p. 79). O *link* entre desenvolvimento e instituições é compreendido pelo conceito de mudança, que pressupõe inovações. A inovação é o centro do processo através do qual os padrões tecnológicos são criados ou destruídos.

A analogia entre as inovações institucionais e inovações tecnológicas cria uma presunção, não mais, que a mudança institucional tem dado uma contribuição positiva para o crescimento econômico. A presunção é que, no decorrer do tempo, as pessoas descobriram e

adotaram arranjos institucionais que permitiram cooperar uns com os outros de forma mais eficiente do que antes. (MATTHEWS, 1986, p. 908).

A velocidade das mudanças implica também que a própria natureza da competitividade se altera com inesperada frequência, passando de mero indicador estático a alvo móvel, sujeito a mutações frequentes e imprevisíveis, que sem cessar destroem e erigem paradigmas. O país que não souber detectar os padrões e paradigmas cambiantes e que não for capaz, diante das mudanças, de inovar e de renovar-se continuamente, mediante exploração sistemática de suas vantagens competitivas, será, assim, superado pelos demais competidores e perderá, da mesma forma que a empresa, no cenário Schumpeteriano, o monopólio provisório da inovação. (MARZANO, 2011, p. 73).

A mudança institucional é, portanto, uma alteração da Matriz Institucional (instituições formais, informais e *enforcement*) imposta pela interação humana, em um amplo contexto, com a intenção de produzir resultados benéficos e inovadores.

A Matriz Institucional consiste em uma rede interdependente de instituições e organizações políticas e econômicas que são caracterizadas por um massivo aumento de retornos. As organizações fundamentam sua existência para as oportunidades que provêm de um sistema institucional. As oportunidades oferecidas pela Matriz Institucional determinam os tipos de organizações que virão a existir. (NORTH, 2005, p. 01).

As características da Matriz Institucional, tanto as regras formais quanto informais demonstradas em atitudes e valores, podem produzir um meio político e econômico que premie as atividades produtivas e organizações desenvolvendo atitudes e conhecimentos. As estruturas institucionais nacionais são resultantes do processo histórico de desenvolvimento industrial e da modernização política, o que está diretamente associado à argumentação evolucionária das trajetórias tecnológicas, que levam em conta fatores essenciais como o processo de difusão da informação e o de geração de novas ideias. (CONCEIÇÃO, 2003, p.16).

Da Matriz Institucional deriva o corpo de conhecimentos necessários para a atividade econômica. O que tem caracterizado as economias dos países em desenvolvimento e o seu atraso é justamente a falta de incentivos para se gerar conhecimento e, ao mesmo tempo, invertê-lo em conhecimento produtivo. O termo atrasado refere-se a um processo contínuo de adaptação recíproca entre necessidades, atividades e ambiente. Assim a ideia de atraso comporta inevitavelmente um confronto entre os diversos graus de sucesso nessa luta econômica; certas coletividades são menos bem-sucedidas nisso, são atrasadas em comparação com outras mais proficientes. (BELTRÃO, 1971, p. 144).

Nelson questiona como as instituições de um país são o que são? Em que medida pode uma reforma institucional salutar ser objeto de análise deliberada, planejamento e implementação? (NELSON, 2008, p. 07). Os países diferem em seu sucesso econômico por causa de suas diferentes instituições, as regras que influenciam a forma como a economia funciona e os incentivos que motivam as pessoas. (ACEMOGLU; ROBINSON, 2012, p. 73).

Avner Greif (1998, p.82) acredita que as questões mais fundamentais sobre as instituições são: por que algumas sociedades evoluem ao longo de suas distintas trajetórias institucionais? Por que as sociedades falham ao tentar adotar a estrutura institucional das mais bem-sucedidas? Como nós podemos examinar as inter-relações entre os aspectos informais e implícitos das instituições de uma sociedade por um lado e seus aspectos explícitos e formais por outro? A resposta estaria na *Historical and Comparative Institutional Analysis (HCIA)*. Uma análise institucional histórica e comparativa sobre os sistemas adotados por cada país e o método empírico utilizado, o *HCIA* explora a possibilidade que uma mudança institucional também reflète os limites sobre racionalidade, cognição, conhecimento e incentivos para mudanças institucionais e que as inovações adotadas e mudanças institucionais implicam sobre as instituições já existentes. Não é somente o tipo de instituição que gerará um sistema em particular, mas a coexistência de uma série de instituições, seu padrão de interação e a retroalimentação que receberão de seu entorno. (NIOSI, 1993, p. 218-219).

A mudança institucional é um processo complicado porque as mudanças marginais podem ser uma consequência das mudanças nas leis, nas limitações informais e nos tipos e efetividades das execuções. Além disso, as instituições comumente mudam incrementalmente, em vez de mudar de forma descontínua. Como e por que elas mudam incrementalmente e por que mesmo mudanças descontínuas, como revoluções e conquistas, nunca são completamente descontínuas. São resultados da incorporação das limitações informais nas sociedades. Ainda que as regras formais possam mudar da noite para o dia como resultado de decisões políticas ou judiciais, as limitações informais incorporadas nos costumes, tradições e códigos de conduta são muito mais impermeáveis a políticas deliberadas. Essas limitações culturais não apenas conectam o passado ao presente e ao futuro, mas sim nos fornecem uma chave para explicar a trajetória da mudança histórica. (NORTH, 1990, p. 06).

Mudança institucional, alterando as regras (ou diretamente por órgãos políticos ou indiretamente por organizações econômicas ou sociais pressionam organizações políticas), ou deliberadamente (e às vezes acidentalmente) que alteram os tipos de eficácia da aplicação de regras ou a eficácia das sanções e outros meios de informal aplicação da restrição. (NORTH, 2005, p. 60).



As instituições têm de mudar com a mudança das circunstâncias, uma vez que é de natureza do seu método habitual corresponder aos estímulos que essas circunstâncias variáveis lhes proporcionam. A situação de hoje modela as instituições de amanhã mediante um processo seletivo e coercitivo, atuando na habitual opinião humana sobre as coisas, e assim alterando, ou revigorando, um ponto de vista ou uma atitude mental herdada do passado. Ao mesmo tempo, os hábitos mentais dos homens hodiernos tendem a persistir indefinidamente, exceto quando as circunstâncias obrigam a uma mudança. Essas instituições assim herdadas, esses hábitos mentais, pontos de vista, atitudes e aptidões mentais, ou seja lá o que for, são, portanto, um elemento conservador; e esse é um fator de inércia social, de inércia psicológica, de conservantismo. (VEBLEN, 1898, p. 390).

O progresso que se fez e que se vai fazendo nas instituições humanas e no caráter humano pode ser considerado, de um modo geral, uma seleção natural dos hábitos mentais mais aptos e um processo de adaptação forçada dos indivíduos a um ambiente que vem mudando progressivamente mediante o desenvolvimento da comunidade e a mudança das instituições sob as quais o homem vive. As instituições são elas próprias o resultado de um processo seletivo e adaptativo que modela os tipos prevaletentes, ou dominantes, de atitudes e aptidões espirituais; são, ao mesmo tempo, métodos especiais de vida e de relações humanas, e constituem, por sua vez, fatores eficientes de seleção. (VEBLEN, 1898, p. 390).

Nestes termos, para se entender o processo de desenvolvimento econômico de um país deve-se dar a devida atenção aos enquadramentos institucionais que influenciam e constroem a ação econômica no mundo real. A cultura, os hábitos, as instituições tingem a percepção de julgamento, desempenhando, por isso, um papel fundamental nas estratégias de decisão dos agentes econômicos e, conseqüentemente, nas trajetórias de crescimento econômico. Sob uma perspectiva evolucionária são igualmente decisivos a importância do processo de inovação tecnológica, a busca de conhecimento vinculado à mudança tecnológica e o reconhecimento do papel das organizações. (CONCEIÇÃO, 2003, p. 04).

Para que ocorra uma mudança institucional há que ocorrer algum fenômeno decorrente de uma grande crise, ou algo que ocasione uma problemática em cumprir com a resolução dos novos problemas, que demandem constantes mudanças sociais e políticas. Deve haver, então, necessariamente, mudanças nas instituições existentes. E o processo de reformas é inerentemente conflituoso, refletindo-se em todos os contextos.

## **2 REVOLUÇÕES DO MAIS, DA MOBILIDADE E DA MENTALIDADE**

### **2.1 A REVOLUÇÃO DO MAIS**

Vivemos numa época de abundância. Simplesmente temos mais de tudo agora. Mais pessoas, mais países, cidades, partidos políticos, exércitos; mais bens e serviços, e mais companhias para vendê-los; mais armas e mais remédios; mais estudantes e mais computadores; mais pregadores e mais delinquentes. (NAIM, 2013, p. 86).

A produção econômica mundial aumentou cinco vezes desde 1950. A renda per capita é três vezes e meia superior a de então. Mais importante de tudo, há mais pessoas - 2 bilhões há mais do que havia há apenas duas décadas atrás. Por volta de 2050, a população mundial será quatro vezes maior do que era em 1950. Esse aumento populacional, assim como sua estrutura etária, distribuição geográfica, longevidade, saúde, seus maiores níveis de informação e educação e consumo, têm amplas repercussões na obtenção e no uso do poder. (NAIM, 2013, p. 87).

A Revolução do Mais não se limita a um quadrante do globo ou a um segmento da humanidade. Ela se desenvolveu apesar de todos os eventos negativos que ocupam as manchetes do dia a dia: recessão econômica, terrorismo, terremotos, repressão, guerras civis, catástrofes naturais, ameaças ambientais. Sem tirar importância do custo humano e planetário dessas crises, podemos afirmar que a primeira década do século XXI foi talvez a mais bem-sucedida da humanidade: como colocou o analista Charles Kenny, entre o ano 2000 e o de 2010, a humanidade teve a “melhor década de todas”. (NAIM, 2013, p. 87).

A chave é esta: quando as pessoas são mais numerosas e vivem vidas mais plenas, tornam-se mais difíceis de regular, dominar e controlar. (NAIM, 2013, p. 91).

Não é por acaso que a Primavera Árabe começou na Tunísia, o país do norte da África com o melhor desempenho econômico e o mais bem-sucedido em fazer ascender seus pobres para a classe média. Na realidade, o motor que move muitas das transformações políticas desses tempos é uma classe média impaciente e mais bem informada, que quer um progresso mais rápido que aquele que o governo é capaz de oferecer, e cuja intolerância a respeito da corrupção tornou-se uma poderosa oposição. (NAIM, 2013, p. 91).

## 2.2 A REVOLUÇÃO DA MOBILIDADE

Hoje, não só há mais gente, e mais pessoas vivendo de maneira mais plena e saudável, como além disso elas se movimentam muito mais. Isso as torna mais difíceis de controlar. E também altera a distribuição de poder tanto dentro de cada comunidade como entre diferentes grupos sociais. O aumento das diásporas e seus agrupamentos étnicos, religiosos e profissionais, transformou-se em correias de transmissão internacional entre seu país de adoção e seu país de origem. (NAIM, 2013, p. 92).

Os africanos que vivem na Europa ou os latino-americanos que estão nos Estados Unidos não só transferem dinheiro a seus familiares que ainda vivem no país do qual emigraram. Também transferem, às vezes sem se dar conta, ideias, aspirações, técnicas ou até movimentos políticos e religiosos, que minam o poder e a ordem estabelecida em seu país de origem. (NAIM, 2013, p. 92-93).

Segundo os termos da Lei do Referendo Sudanês, aprovada por seu parlamento em 2009, os eleitores da diáspora sudanesa, incluindo os cerca de 150 mil nos Estados Unidos, puderam votar no referendo de 2011 sobre a decisão do Sudão do Sul de se tornar uma nação independente. Vários membros do senado da Colômbia são eleitos por colombianos que vivem no exterior. Candidatos ao governo do estado ou à presidência de países com grandes populações de imigrantes – por exemplo, para governador de estado no México ou para presidente do Senegal – costumam viajar até Chicago, Nova York, Londres, ou para qualquer lugar onde seus compatriotas tenham criado raízes, para conseguir votos e arrecadar dinheiro. (NAIM, 2013, p. 93).

As Nações Unidas calculam que há 214 milhões de migrantes no planeta, um aumento de 37% nas duas últimas décadas. No mesmo período, o número de migrantes cresceu 41% na Europa e 80% na América do Norte. Se os migrados fossem um país, ele seria o quinto mais populoso do planeta. Estamos experimentando uma revolução da Mobilidade, com mais pessoas se deslocando do que já ocorreu em qualquer outra época da história. (NAIM, 2013, p. 93).

Mas talvez o aspecto da Revolução da Mobilidade que mais esteja transformando o poder seja a urbanização. O processo de urbanização, que já era o mais rápido da história, está se acelerando ainda mais, especialmente na Ásia. Mais pessoas do que nunca se mudaram do campo para a cidade, e continuam mudando. Em 2007, pela primeira vez na história, há mais gente morando nas cidades do que nas áreas rurais. (NAIM, 2013, p. 95).

Richard Dobbs apud Naim (2013) descreve do seguinte modo a imensa escala dessa transformação: “a megacidade será o lar das classes médias em expansão da China e da Índia, e criará mercados consumidores maiores que os de todo o Japão ou toda a Espanha, respectivamente”.

Existe outra nova forma de mobilidade que, embora não envolva população tão numerosa quanto a migração de trabalhadores de menor nível de instrução e não seja tão revolucionária como um acelerado processo de urbanização, está também remodelando o cenário do poder: a circulação de cérebros. As nações pobres tendem a perder muitos de seus cidadãos mais capacitados e instruídos para os países mais ricos, atraídos pelas perspectivas de uma vida melhor. (NAIM, 2013, p. 96).

Essa bem conhecida “drenagem de cérebros” priva esses países de enfermeiras, engenheiras, cientistas, empresários e outros profissionais que custam caro para se formar e, como é natural, reduz seu capital humano. Nos últimos anos, porém, é cada vez maior o número desses profissionais que voltam a seus países de origem e alteram a situação local na indústria, universidade, na mídia e na política. (NAIM, 2013, p. 96).

### 2.3 A REVOLUÇÃO DA MENTALIDADE

As Revoluções do Mais e da Mobilidade criaram uma nova classe média, grande e em rápido crescimento, cujos membros estão bem cientes de que há outras pessoas que desfrutam de mais prosperidade, liberdade ou satisfação pessoal do que elas. E essa informação nutre sua esperança de que não é impossível algum dia alcançá-las. (NAIM, 2013, p. 100).

Essa revolução nas expectativas e a instabilidade política gerada pela distância entre o que as pessoas esperam e o que seu governo pode dar-lhes em termos de mais oportunidades ou melhores serviços são agora globais. Elas afetam igualmente países ricos e pobres; de fato, a esmagadora maioria da população mundial vive no que se poderia chamar agora de sociedades em rápida transformação. (NAIM, 2013, p. 100).

A diferença, sem dúvida, é que enquanto nos países em desenvolvimento a classe média está se expandindo, na maioria dos países ricos ela vem encolhendo. E tanto as classes médias que crescem como as que encolhem alimentam a turbulência política. As classes médias acoçadas tomam as ruas e lutam para proteger seu padrão de vida, enquanto as

classes médias em expansão protestam para obter mais e melhores bens e serviços. (NAIM, 2013, p. 101).

A Revolução da Mentalidade abrange profundas mudanças de valores, padrões e normas. Ela reflete a crescente importância atribuída à transparência, aos direitos de propriedade e à equidade, seja no tratamento dado às mulheres na sociedade, às minorias étnicas e de outro tipo (homossexuais, por exemplo) até aos dispensados e acionistas minoritários das corporações. (NAIM, 2013, p. 106).

Muitas dessas normas e critérios têm profundas raízes filosóficas. Mas sua difusão e generalização atual – embora muito desigual e imperfeita – é espetacular. Essas mudanças de mentalidade têm sido impulsionadas por mudanças demográficas e reformas políticas, pela expansão da democracia e da prosperidade, por dramáticos aumentos na alfabetização e no acesso à educação – e pela explosão nas comunicações e nas mídias. ((NAIM, 2013, p. 106).

Está em curso uma profunda mudança nas expectativas e nos critérios, e não apenas em sociedades liberais, mas até nas mais rígidas. A maioria das pessoas contempla o mundo, seus vizinhos, empregadores, sacerdotes, políticos e governos, com olhos diferentes de seu país. (NAIM, 2013, p. 101).

Até certo ponto, sempre foi assim. Mas o efeito das Revoluções do Mais e da Mobilidade foi ampliar muito o impacto cognitivo, até mesmo emocional, do maior acesso a recursos e da capacidade de se movimentar, aprender, conectar-se e comunicar-se num âmbito maior e de forma mais barata do que jamais foi possível. É inevitável que isso acentue a diferença de Mentalidade e de visão de mundo entre gerações. (NAIM, 2013, p. 101).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A humanidade vive um momento fascinante, ocasionado por mudanças ocorridas no decorrer dos anos. Mudanças não apenas tecnológicas, mas institucionais e também comportamentais.

Este artigo, teve como pretensão, trazer alguns conceitos e fazer algumas análises sobre os principais atores dessas mudanças.

Assim, discorreremos sobre mudanças institucionais, *path dependence*, instituições, inovações tecnológicas e as Revoluções do Mais, da Mobilidade e da Mentalidade.

Tentamos relatar como a humanidade está se adaptando às consequências dessas mudanças. Somos mais, nos movimentamos mais e por isso, mudamos nossa mentalidade. Queremos mais!

Douglass North, acertou então, ao afirmar que mudanças institucionais podem ser mais importantes do que mudanças tecnológicas.

## REFERÊNCIAS

ACEMOGLU, D.; ROBINSON, J. A. **Why Nations Fail: the origins of power, prosperity and poverty**. New York: Crown Publishers, 2012.

CONCEIÇÃO, O. A. C. Elementos para uma Teorização Apreciativa Institucionalista do Crescimento Econômico: uma comparação das abordagens de North, Matthews e Zysman. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2003/artigos/A38.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

CONCEIÇÃO, O. A. C. Além da Transação: uma comparação do pensamento dos institucionalistas com os evolucionários e pós-keynesianos. **Economia**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 621-642, set./dez. 2007.

MARZANO, F. M. **Políticas de Inovação no Brasil e nos Estados Unidos: a busca da competitividade – oportunidades para a ação diplomática**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

MATTHEWS, R. C. O. The Economics of Institutions and the Sources of Growth. **The Economic Journal**, Cidade, v. 96, n. 384, p. 903-918, Dec, 1986.

MOREIRA, R. R.; HERSCOVICI, A. Path-Dependence, Expectativas e Regulação Econômica: elementos de análise a partir de uma perspectiva pós-keynesiana. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 547-574, set./dez. 2006.

NAÍM, Moisés. **O Fim do Poder: nas salas da diretoria ou nos campos de batalha, em igrejas ou estados, por que estar no poder não é mais o que costumava ser?** (Tradução de Luis Reyes Gil). São Paulo: Leya, 2013.

NELSON, R. R. What Enables Rapid Economic Progress: what are the needed institutions? **Research Policy**, New York, v. 37, p. 01-11, 2008.

NORTH, D. C. **Institutions, Institutional Change and Economic Performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

NORTH, D. C. **Understanding the Process of Economic Change**. Princeton: Princeton University Press, Princeton, 2005.

SZTAJN, Rachel; AGUIRRE, Basilia. Mudanças Institucionais. In: ZYLBERSZTAJN, Decio; SZTAJN, Rachel (Org.) **Direito e Economia**: análise econômica do direito e das organizações. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 228-243. 2005.

VEBLEN, Thorstein. Why is Economics not an Evolutionary Science. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 12, 1898.